

## GT 6 - Ideologias, cultura e meios de comunicação

# Mídia, discurso, ideologia e personalidade autoritária segundo Theodor Adorno

Mariano Luis Sánchez<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo procura apresentar a perspectiva adorniana para compreender a incidência de um discurso ideológico, como a propaganda autoritária, sobre o potencial antidemocrático de uma sociedade. Para tal, considera a psicologia social de orientação psicanalítica como a mediação capaz de articular o circuito que vá da manipulação comunicacional (estímulo) até a ativação de uma determinada estrutura de personalidade (reação) como produto irredutível da objetividade socioeconômica.

**Palavras-chave:** Ideologia, Discurso, Personalidade autoritária

No seu exílio nos Estados Unidos, em 1938, Theodor Adorno se integrou ao Princeton Radio Research Project, convidado por Max Horkheimer, que nesse momento dirigia o Instituto de Pesquisa Social em Nova York graças a sua conexão com a Universidade de Columbia. Chamado por Adorno de “projeto radiofônico”, este projeto, dirigido pelo sociólogo Paul Lazarsfeld, permitiu Adorno retomar suas pesquisas sobre sociologia da música.<sup>2</sup> O confronto com as práticas científicas e as concepções de ciência social predominantes nos Estados Unidos, levaram Adorno a questionar uma ciência reduzida a coleta de dados, orientada por um forte sentido prático, distante em tudo da investigação social teórica e crítica tal como pensada no Instituto de Frankfurt.<sup>3</sup> Confrontado com a primazia a métodos quantitativos em um ambiente com certa desconfiança com a teoria social, Adorno contrapõe o conceito europeu de metodologia

---

<sup>1</sup> Doutorando em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Marechal Cândido Rondon, PR, e professor ME de sociologia e ciência política na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Laranjeiras do Sul, PR. Contato: mariano.sanches@uffs.edu.br.

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor, Experiências científicas nos Estados Unidos, In: \_\_\_\_\_, Palavras e sinais. Modelos críticos 2, Trad. De Maria Helena Ruschel, Petrópolis, RJ, Vozes, 1995, p. 139-141. Refere-se aos artigos A situação social da música (1932), Sobre o jazz (1936), Sobre o caráter fetichista da música e a regressão da audição (1938), que continuaria com Fragmentos sobre Wagner (1939) e Sobre a música popular (1940-1941).

<sup>3</sup> Ibidem, p. 142-152.

(como crítica do conhecimento) à concepção norte-americana (como conjunto de técnicas práticas de investigação).<sup>4</sup>

Adorno tentou combinar suas atividades formulando nos textos teóricos para o Instituto as experiências que queria utilizar no projeto radiofônico, buscando conciliar análises sociológicas, técnico-musicais e estéticas. Porém, tomou consciência que o projeto de Princeton, na realidade, consistia em “coleta de dados, dos passos da planificação no campo dos meios de comunicação de massas, em benefício, quer da indústria imediatamente, quer dos assessores culturais e agremiações semelhantes.”<sup>5</sup> Sem espaço para pesquisa social crítica, Adorno decide estudar “o outro lado”, as reações dos ouvintes, e realiza neste contexto uma série de entrevistas informais. Porém, metodologicamente se opõe a estudar reações sem relacioná-las com os estímulos, quer dizer, com a objetividade da indústria cultural que provoca essas reações subjetivas.<sup>6</sup> No contexto deste *Music Study*, considera a reação do ouvinte algo mediato e derivado, diferentemente do modelo positivista de investigação social predominante naquele momento nos Estados Unidos, que tomava as reações dos indivíduos como a primeira fonte do conhecimento sociológico. Assim, Adorno questiona

Até que ponto tais reações subjetivas dos indivíduos são, na realidade, tão espontâneas e imediatas como dão a entender os sujeitos; até que ponto, por trás daquelas, escondem-se não só os mecanismos de propaganda e a força de sugestão do aparato, senão também das conotações objetivas dos meios e, por fim, as estruturas sociais mais amplas, até chegar à sociedade como um todo.<sup>7</sup>

Por conseguinte, se para Adorno não poderia haver análise das reações (do público ouvinte) sem estudo dos estímulos, as reações dos indivíduos (estudo do subjetivo) exigem considerar as condições prévias dessas reações (dimensão objetiva), que relendo a citação acima, incluem progressivamente: 1. os mecanismos de propaganda, 2. as condições objetivas da mídia e a mensagem que veiculam, 3. as estruturas sociais e por fim, 4. a totalidade social.

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 143-144.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 144.

Entretanto, a questão agora passa a ser o que Adorno chama o problema da *mediação*, isto é, como as reações do público (no caso, em relação à música, no contexto da pesquisa de Princeton sobre o rádio) se encontram condicionadas pelo clima cultural e pelas estruturas sociais. Sobretudo porque a pesquisa rigorosamente empírica que Adorno critica<sup>8</sup>, assim como a chamada análise motivacional, só conseguem identificar algumas influências particulares “extraídas mais ou menos arbitrariamente da totalidade daquilo que não opera sobre os homens unicamente desde o exterior, mas que também se encontra há tempo *interiorizado* neles.”<sup>9</sup> Assim, Adorno conclui que os estudos de sociologia dos meios de comunicação de massa não podem ser realizados sem considerar o que na filosofia alemã designa-se como *coisificação*: fenômenos como estandardização, mercantilização das obras artísticas, pseudoindividualização, produzem uma *consciência coisificada*, “quase incapaz de experiência espontânea, mas em si mesma manipulável.”<sup>10</sup>

Estas reflexões, articuladas no conceito de “indústria cultural”, serão desenvolvidas em *Dialética do Esclarecimento* (1944)<sup>11</sup> e obras posteriores, onde o império da indústria cultural implica “A constituição de uma realidade [que] encontra-se enraizada numa exploração planejada do aparelho pulsional dos indivíduos, de modo que o que se oferece ao público veicula a forte impressão de ser desejado, demandado pelo mesmo.”<sup>12</sup> Assim, o problema da mediação não podia ignorar a dimensão psicológica: para Adorno, “a psicologia social constituía uma mediação subjetiva do sistema social objetivo”<sup>13</sup>, especificamente, uma psicologia social orientada pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Terminado o *Music Study* do projeto de pesquisa radiofônico de Princeton, Adorno se trasladou a California, e entre 1941 e 1944, se dedicou a escrever, junto com

---

<sup>8</sup> “concedamos também que a sociologia está mais bem fundada quando começa pela averiguação desses dados. No obstante, está-se muito longe de ter demonstrado que se pode progredir efetivamente desde as opiniões e os modos de reação das pessoas individuais até a estrutura da sociedade e a essência do social.” (Ibidem, p. 146).

<sup>9</sup> Ibidem, p. 147, grifos nossos.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 147-148.

<sup>11</sup> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

<sup>12</sup> DUARTE, Rodrigo. Notas sobre modernidade e sujeito na *Dialética do esclarecimento*, In: \_\_\_\_\_, *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1997, p. 57.

<sup>13</sup> ADORNO, Theodor, *Experiências científicas nos Estados Unidos*, op. cit., p. 161.

Max Horkheimer, a obra *Dialética do Esclarecimento*. Durante sua estadia em Nova York, Horkheimer tinha iniciado um projeto sobre antissemitismo, que resultaria em um texto escrito conjuntamente com Adorno, *Elementos do antissemitismo*, acrescentado à segunda edição de *Dialética do Esclarecimento* em 1947.

Em 1945, Horkheimer assume a direção do departamento de pesquisas do American Jewish Committee de Nova York, obtendo recursos para uma série de pesquisas agrupadas em um grande projeto, os *Estudos sobre o preconceito*.<sup>14</sup> Horkheimer tinha contato com uma equipe de pesquisadores da Universidade de California em Berkeley, psicólogos clínicos e sociais, que realizariam a parte do projeto sobre preconceito dedicado ao estudo da personalidade autoritária: Nevitt Sanford, Else Frenkel-Brunswik e Daniel Levinson, do Berkeley Public Opinion Study Group.<sup>15</sup> O estudo sobre *Elementos do antissemitismo* determinou a participação de Adorno nesta pesquisa.

Dirigida por Adorno e Sanford, a pesquisa sobre a personalidade autoritária não tinha por objetivo estudar o fascismo de Estado, os regimes nacional-socialista de Hitler ou o fascista de Mussolini, ou a ideologia nacionalista e militarista de extrema direita; o objetivo era estudar a *mentalidade autoritária* presente em sociedades com regimes democráticos.<sup>16</sup> O forte antissemitismo então existente nos Estados Unidos levantou a questão de se seria possível acontecer um fenômeno semelhante ao nazismo em um país democrático como esse. Assim, iniciando os estudos sobre preconceito antissemita, o reconhecimento de que o indivíduo com predisposição antissemita tinha também predisposição a discriminar outros grupos étnicos, foi transformando a pesquisa em um estudo sobre o preconceito em geral, levando a que um dos pressupostos mais importantes do estudo afirmasse que

---

<sup>14</sup> HORKHEIMER, Max; FLOWERMAN, Samuel H. (Eds.) *Studies in Prejudice*, New York, Harper & Brothers, 1949-1950. Disponível em < <http://www.ajcarchives.org/main.php?GroupingId=1380> > Acesso em: 15 mai. 21. Esta obra consiste em uma série de estudos, entre os quais se encontra A Personalidade Autoritária. Os cinco volumes publicados em 1950 são: *The Authoritarian Personality*, *Studies in Prejudice Series*, Volume 1; *Dynamics of Prejudice*, *Studies in Prejudice Series*, Volume 2; *Anti-Semitism and Emotional Disorder*, *Studies in Prejudice Series*, Volume 3; *Rehearsal for Destruction*, *Studies in Prejudice Series*, Volume 4; and *Prophets of Deceit*, *Studies in Prejudice Series*, Volume 5.

<sup>15</sup> ADORNO, Theodor, *Experiências científicas nos Estados Unidos*, op. cit., p. 159.

<sup>16</sup> CARONE, Iray, A personalidade autoritária. Estudos frankfurtianos sobre o fascismo, In: *Revista Sociologia em Rede*, Vol. 2, n. 2, 2012, Publicação eletrônica do Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), p. 14.

o objeto (os judeus, os negros, os homossexuais etc.) de representações preconceituosas é *interpermutável*, porque ele cumpre uma função psicológica na economia psíquica do sujeito preconceituoso, de modo que as características do objeto do preconceito importam menos do que as características do sujeito preconceituoso.<sup>17</sup>

O conjunto de traços característicos do indivíduo preconceituoso foi pensado como uma síndrome, a síndrome autoritária. Estes traços característicos não são inatos, mas adquiridos no processo de socialização, e podem constituir uma estrutura de personalidade determinada, a personalidade autoritária. Assim,

Na tarefa de procurar a presença de opiniões, atitudes e valores autoritários em plena democracia, os autores não encontraram muitos casos de pessoas abertamente antidemocráticas, mas identificaram traços de potenciais fascistas em indivíduos que seriam suscetíveis à propaganda ideológica autoritária. Foi considerado que o apoio a tais ideologias poderia passar de um estado latente ou velado e muitas vezes não consciente para uma defesa aberta e ações violentas contra minorias em momentos específicos de crise social. Para tanto, os autores tentaram encontrar quais seriam as gratificações na economia emocional e pulsional subjetivas envolvidas na identificação com ideologias autoritárias.<sup>18</sup>

Com o objetivo de identificar e estudar esta estrutura de personalidade autoritária latente, foram entrevistados, entre 1944 e 1947, 2099 participantes, divididos em 21 grupos, na sua maioria residentes das áreas de San Francisco e Los Angeles, não tendo representatividade estatística da população norte-americana.<sup>19</sup>

Segundo Adorno, a hipótese maior do trabalho foi considerar que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo constituem um padrão que é resultado

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 15, grifos do autor.

<sup>18</sup> COSTA, Virgínia Helena Ferreira da. Apresentação à edição brasileira, In: ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, Organizado por Virgínia Helena Ferreira da Costa, Trad. Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo, São Paulo, Editora Unesp, 2019, p. 21.

<sup>19</sup> Amostra integrada por “adultos de 20 a 35 anos, nativos dos Estados Unidos, não pertencentes a minorias étnicas, não participantes de partidos e milícias políticas, com escolaridade suficiente (12 anos de estudo) para responderem aos questionários escritos, da classe socioeconômica média, participantes de grupos tais como associações de trabalho, ocupação e recreação, sem conotação política”, e incluindo de maneira diferenciada “110 homens da prisão de San Quentin e 121 pacientes psiquiátricos da clínica da Universidade de Califórnia.” (CARONE, Iray, A personalidade autoritária. Estudos frankfurtianos sobre o fascismo, op. cit., p. 17. Ver também ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, op. cit., p. 111-112).

de tendências profundas de sua personalidade.<sup>20</sup> Com um primeiro foco no antissemitismo, a pesquisa dirigiu-se para os fatores subjetivos do indivíduo e a sua situação social total. Compreender opiniões e atitudes antissemitas em um indivíduo levava à questão de por que alguns indivíduos adotam essas ideias e outros as rejeitam. Partiu-se então de duas suposições: a primeira, que o antissemitismo não era um fenômeno particular, mas fazia parte de um quadro ideológico maior, e a segunda, que a suscetibilidade de um indivíduo a essa ideologia dependia de suas *necessidades psicológicas*.<sup>21</sup> Estas suposições colocavam, por sua vez, a questão da relação entre personalidade e ideologia. E exigiam, portanto, explicitar uma determinada concepção de personalidade assim como de ideologia. Utilizando uma concepção geral de ideologia como a organização de opiniões, atitudes e valores em um modo de pensar o ser humano e a sociedade, produto de processos históricos e eventos contemporâneos, a questão que se colocava era a de entender a relação entre a ideologia e as necessidades subjacentes na pessoa.<sup>22</sup>

Tornava-se central para a pesquisa desenvolver instrumentos para aceder às tendências mais profundas da personalidade de um indivíduo, pois é nelas que se poderia encontrar o potencial para o pensamento e a ação democráticos ou antidemocráticos. Se em determinadas circunstâncias históricas de crise houvesse um aumento da propaganda antidemocrática, era previsível esperar que alguns indivíduos aprovassem e repetissem esse tipo de propaganda, enquanto outros a rejeitariam. Neste sentido,

os indivíduos variam em sua *suscetibilidade* à propaganda antidemocrática, em sua prontidão em exibir tendências antidemocráticas. Parece necessário estudar a ideologia nesse “nível de prontidão” a fim de estimar o potencial para o fascismo neste país.<sup>23</sup>

Estudar o grau de receptividade ideológica de um indivíduo a um discurso autoritário implica uma questão de *potencialidade*, pois não todo indivíduo submetido a esse tipo de propaganda colocará em prática ideias antidemocráticas. Assim sendo,

---

<sup>20</sup> ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, op. cit., p. 71.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 74-75.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 77, grifos do autor.

todas as possibilidades (o que um indivíduo diz em público, ou em um ambiente privado, familiar, o que ele pode pensar e nunca expor, o que ele pode pensar e nunca admitir para si mesmo, o que ele é capaz de fazer se submetido a diferentes estímulos ideológicos) podem constituir um tipo de personalidade, pensada como uma estrutura singular: “A estrutura pode não estar integrada, ela pode conter contradições tanto quanto consistências, mas ela está *organizada* no sentido de que as partes constituintes estão relacionadas de forma psicologicamente significativa.”<sup>24</sup> Segundo a noção de personalidade adotada na pesquisa, Adorno afirma que

a personalidade é uma organização de forças mais ou menos duradoura no interior de indivíduo. Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande medida a elas que se deve atribuir a consistência do comportamento – seja verbal ou físico.<sup>25</sup>

Segundo Adorno, é importante considerar que a personalidade não é a resposta do indivíduo, ela se encontra *detrás* do seu comportamento; as forças da personalidade são as que definem aquela *prontidão* para a reação ao estímulo ideológico.<sup>26</sup> As forças da personalidade se encontram em um nível profundo, diferentemente dos aspectos observáveis da personalidade que se revelam em comportamentos explícitos. Para estudar estes últimos, a equipe recorreu à psicologia acadêmica; para abordar aquelas forças profundas que se encontram inibidas, Adorno e os pesquisadores recorreram à teoria da estrutura da personalidade de Freud.<sup>27</sup> Assim,

As forças da personalidade são primeiramente necessidades (pulsões, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo para outro

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 78, grifos do autor.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>26</sup> Neste sentido, é muito pertinente a nota sobre a tradução desta obra: a expressão utilizada no original, “*readiness to be provoked into action*” (a “prontidão a ser levado à ação”), significa que os participantes da amostra não são concebidos como os autores das ideologias autoritárias, mas se encontram adaptados a um “clima cultural geral” autoritário no interior de uma democracia (COSTA, Virgínia Helena Ferreira da, Apresentação à edição brasileira, op. cit., p. 26), em função do qual desenvolvem diferentes respostas segundo sua predisposição à aceitação de tais ideologias.

<sup>27</sup> Além do excelente clima de cooperação com os membros da equipe de Berkeley, Adorno destaca que a base desse grupo de trabalho foi a orientação freudiana que todos compartilhavam. Os quatro membros concordavam em não tratar a psicanálise como um dogma nem descaracterizá-la como os revisionistas. O caráter sociológico da pesquisa evitava todo psicologismo: “A aceitação dos momentos objetivos, aqui sobretudo o clima cultural, não era conciliável com ideia freudiana da sociologia como psicologia aplicada. Os desideratos da quantificação que abraçamos também diferiam em certa medida dos de Freud, para quem a substância da investigação consiste nos estudos qualitativos”, (ADORNO, Theodor, Experiências científicas nos Estados Unidos, op. cit., p. 162-163).

em sua qualidade, intensidade, modo de gratificação e objetos de sua fixação e que interagem com outras necessidades em padrões harmônicos ou conflitivos. Há necessidades emocionais primitivas, há necessidades de se evitar a punição e conservar a boa vontade do grupo social, há necessidades de se manter a harmonia e a integração dentro de si.<sup>28</sup>

É a partir desta conceptualização segundo a qual opiniões, atitudes e valores dependem de necessidades humanas, e de que a personalidade é fundamentalmente uma organização de necessidades, que é possível pensar a personalidade como determinante das preferências ideológicas de um indivíduo. Mas Adorno adverte que não se trata de um determinante como instância originária, dada, que age sobre o mundo a partir de si mesma. A personalidade não pode ser isolada da totalidade social, pois seu desenvolvimento se realiza sob as influências do ambiente social. E como estas influências são mais fortes nos primeiros anos de vida do indivíduo, é na vida familiar onde se forma a criança que as influências econômicas e sociais impactam com maior intensidade.<sup>29</sup>

Por outro lado, assim como a personalidade não pode ser pensada como uma instância autônoma, independente do ambiente social, ela tampouco pode ser reduzida a simples derivado ou resultado do ambiente social: o desenvolvimento da personalidade constitui uma instância própria entre esses extremos, uma *estrutura* dentro do indivíduo. Isto significa conceitualmente que ela age sobre o ambiente social funcionando como um mecanismo de seleção frente a múltiplos estímulos, e que sendo modificada neste processo, também resiste à mudanças fundamentais.<sup>30</sup> Segundo Adorno, esta concepção de personalidade permite analisar várias situações: a persistência de um mesmo comportamento em situações variáveis, a manutenção de visões ideológicas a pesar de fatos contraditórios, a semelhança de visões ideológicas em pessoas com situações sociais diferentes, e “por que pessoas cujo comportamento foi modificado por meio de manipulação psicológica recaem em seus antigos modos tão logo as agências de manipulação são eliminadas.”<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, op. cit., p. 79.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 81.



Desta maneira, a teoria da estrutura da personalidade em que se baseou a pesquisa empírica trabalhava com a noção de padrões de personalidade, resultado daquela disposição à permanência de certos comportamentos nos indivíduos. Considerando tanto a fixidez quanto a flexibilidade como extremos de um mesmo continuum da personalidade, buscava-se assim conceber a personalidade como um potencial (a *prontidão* para certo tipo de ação, a inclinação para um tipo de comportamento) e não o comportamento em si, uma vez que este só pode acontecer em função de situações objetivas.<sup>32</sup> Por sua vez, as situações objetivas implicam a necessidade de uma compreensão da totalidade social, para poder explicar a causa do aumento das tendências antidemocráticas em uma determinada sociedade em um determinado momento histórico. Aqui Adorno deixa em claro que a intensificação da propaganda antidemocrática se refere a processos envolvendo decisões dos poderosos interesses econômicos. Tratar-se-ia da opção destes interesses por manter a dominação por meio desta estratégia em determinadas circunstâncias históricas, porém constituía uma problemática que ia além do objetivo específico de estudar a dimensão psicológica do fascismo.<sup>33</sup>

Adorno aponta a seguir outro fator que intervém na aceitação ideológica dos indivíduos: o seu pertencimento a grupos sociais de tipos variados, como associações profissionais, religiosas e outras. Neste caso, as necessidades do indivíduo de ser aceito facilitam a adoção de ideias, atitudes e valores do grupo, por meio de mecanismos como imitação ou até condicionamento. Mesmo assim, é necessário reconhecer, afirma Adorno, que as reações podem ser muito variadas, e que a melhor abordagem é equilibrar na análise o fator situacional com o fator personalidade.<sup>34</sup> Que o objeto da pesquisa seja o estudo da dimensão subjetiva, psicológica, para estimar o potencial fascista existente em uma democracia, deve-se, segundo Adorno, escrevendo nos anos 40, à falta de estudos naquela época sobre os fatores interiores, individuais, comparativamente às pesquisas sobre as dimensões exteriores, sociais, econômicas. E o estudo da dimensão psicológica do indivíduo (potencialmente) fascista é fundamental

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 86-87.

considerando a constituição mesma do fenômeno sócio-político do fascismo. Se este se define, entre seus elementos essenciais, pela organização e mobilização de massas, essa base social de apoio não pode se reduzir a uma “submissão temerosa” mas antes precisa também de sua “cooperação ativa”.<sup>35</sup> Esta combinação de submissão voluntária junto com uma cooperação ativa lembra da fórmula de Reich, que uma década antes escrevera “*A revolta contra a autoridade, acompanhada de respeito e submissão, é uma característica básica das estruturas da classe média.*”<sup>36</sup>, que Reich definia como sendo a base social do fascismo.<sup>37</sup> Mas como o fascismo não tem como atender os interesses das maiorias, de acordo com Adorno, “Ele precisa, portanto, fazer apelo, acima de tudo, não ao autointeresse racional, mas às necessidades emocionais – frequentemente aos medos e desejos mais primitivos e irracionais”<sup>38</sup> das massas. E assim como Reich relativizou o poder da propaganda, apontando para a estrutura de caráter autoritário que é a que garantiria a eficácia da propaganda nacional-socialista, Adorno também questionou que as pessoas simplesmente passassem a apoiar o fascismo pelas promessas do discurso. À pergunta de por que as massas são tão facilmente enganadas<sup>39</sup>, a suposição de Adorno é “por causa de padrões de expectativas e aspirações, medos e angústias há muito estabelecidos que as dispõem a certas crenças e as tornam resistentes a outras.”<sup>40</sup> Desta maneira, o sucesso político de uma propaganda autoritária dependerá do potencial antidemocrático já existente na sociedade. Não é possível considerar que uma dimensão, o aumento ou intensificação do discurso autoritário (o estímulo), explique por si o avanço do fascismo; seu poder de criar e mobilizar massas (reação), dependerá da capacidade de incidir sobre as predisposições ideológicas pré-existentes em uma parte da população. Por sua vez, estas predisposições são construídas no processo de desenvolvimento de suas

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>36</sup> REICH, Wilhelm, *Psicologia de massas do fascismo*, 3. Ed., Trad. Maria da Graça M. Macedo, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 34, grifos do autor.

<sup>37</sup> Idem, p. 38.

<sup>38</sup> ADORNO, Theodor, *Estudos sobre a personalidade autoritária*, op. cit., p. 88.

<sup>39</sup> Recuperando a expressão de Reich: “A questão fundamental é saber por que motivo as massas se deixam iludir politicamente”, (REICH, Wilhelm, *Psicologia de massas do fascismo*, op. cit., p. 33, grifos do autor).

<sup>40</sup> ADORNO, Theodor, *Estudos sobre a personalidade autoritária*, op. cit., p. 88.

estruturas de personalidade, processo que por sua vez remete a fatores exteriores (sociais e econômicos) de uma sociedade em um determinado momento histórico.

Estudar a suscetibilidade ao discurso autoritário implica, para Adorno, pensar ao mesmo tempo nas possibilidades de resistência. E assim fica apresentado um programa futuro de pesquisa para pensar a comunicação nos tempos presentes: estudar o impacto social (reação) ao discurso dos grandes meios de comunicação (estímulo) não é possível sem considerar o tipo atual de estrutura de personalidade produzida pelos mecanismos de subjetivação neoliberal que respondem aos imperativos da acumulação em tempos de crise estrutural do capital.

## Bibliografia

ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, Organizado por Virginia Helena Ferreira da Costa, Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo, São Paulo, Editora Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_, Experiências científicas nos Estados Unidos, In: \_\_\_\_\_, Palavras e sinais. Modelos críticos 2, Trad. De Maria Helena Ruschel, Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos, Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

CARONE, Iray, A personalidade autoritária. Estudos frankfurtianos sobre o fascismo, In: Revista Sociologia em Rede, Vol. 2, n. 2, 2012, Publicação eletrônica do Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG).

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Apresentação à edição brasileira, In: ADORNO, Theodor, Estudos sobre a personalidade autoritária, Organizado por Virginia Helena Ferreira da Costa, Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo, São Paulo, Editora Unesp, 2019.

DUARTE, Rodrigo. Notas sobre modernidade e sujeito na Dialética do esclarecimento, In: \_\_\_\_\_, Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1997.

HORKHEIMER, Max; FLOWERMAN, Samuel H. (Eds.) Studies in Prejudice, New York, Harper & Brothers, 1949-1950. Disponível em <<http://www.ajcarchives.org/main.php?GroupingId=1380>> Acesso em: 15 mai. 21.

REICH, Wilhelm, *Psicologia de massas do fascismo*, 3. Ed., Trad. Maria da Graça M. Macedo, São Paulo, Martins Fontes, 2001.